FRONDES E RAÍZES DO CEARÁ (*)

Fco. Alves de Andrade

Quem perlustrar a vida cearense nos domínios humanos da cultura encontrara, na trama de suas atividades, alguma coisa latente e vibrante que nos desperta a inteligência e move o coração

Ha um trabalho construtivo de espíritos serenos, que têm as suas mentalidades voltadas para a terra do berço Há um esfôrço pessoal e coletivo, consciente de suas virtualidades, paciente, obstinado, perseverante, que se desdobra em longa caminhada, unindo o labor do passado ao das gerações presentes, disposto sempre a marchar e progredir

Não lhe tolhem os passos as adversidades e incertezas do meio.

O Ceara, vincado de sêcas e incompreensões, é considerado o coração do flagelo Mas, em tôrno dêste coração, agrupam-se alguns vultos que constituem a elite pensante, os quais, ocupando a solitária trincheira da cultura, ora na imprensa, na escola, na pesquisa ou investigação dos institutos, defendem o torrão querido que tem a forma de barrete frígio da República e fazem com que êle não desmereça o nome e a glória de Terra da Luz

* * *

Mestre Tomaz Pompeu Sobrinho, o nosso Instituto do Ceara, fundado a 4 de março de 1887, completa, neste mês, 70 anos de benfazeja existência E quando o govêrno do Estado, cumprindo uma louvável missão de dar a êste sodalício habitacão condigna, inau-

---

(*) *Discurso pronunciado a 25/3/57, na inauguração do retrato do Dr Pompeu Sobrinho na galeria dos Presidentes do Instituto do Ceará*

gura novas instalações, com auditório, biblioteca e museus, achou por bem esta Casa prestar-vos uma singela e significativa homenagem.

Vai o vosso retrato completar a galeria que lembrará para a posteridade os vultos dos abnegados e beneméritos presidentes do Instituto do Ceará.

O primeiro presidente foi o Desembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca, que lançou a pedra fundamental do edifício social, cognominado o obreiro-mor do Instituto. Dedicou-se vivamente à história, e, neste sentido, fincou o marco inicial da grande instituição fadada a investigar o passado, rememorar as tradições, dar testemunho do Ceará nos documentos copiosos de sua história, orgulho de sua gente.

O segundo foi Tomaz Pompeu de Souza Brasil. Êste pertence à geração dos enciclopedistas cearenses. Figura de pensador e de erudito, foi um aristocrata das letras. Não curou de história, mas de filosofia, de direito, de economia. Conforme sua opinião, "não é ao passado longínquo que iremos pedir lições; é na observação e nas experiências dos nossos contemporâneos que precisamos aprender. As indagações estéreis ou simplesmente deleitáveis devem ceder precedência à ciência da vida e à do homem como ser social".

Com êstes pensamentos, voltou-se para a geografia da terra natal, dissertando com erudição sôbre os problemas de sua agricultura, do seu comércio e de sua indústria.

Com o 3º presidente, que foi o Grande Benemérito Barão de Studart, intensificou-se mais ainda o sentido histórico com a exumação e publicação de fartos documentos da vida no passado. A pesquisa e investigação dos fatos de nossa história continuou absorvente e sistemática.

Vive o Instituto atualmente sob o comando do seu 4º Chefe, o Presidente Perpétuo, Professor e Engenheiro Tomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho,, que inicia com método a grande fase de transformação e adaptação dos seus quadros e atividades à vida universitária, cuja inquietação dominante são os problemas do homem como ser social.

* * *

Disse, certa vez, do outro Tomaz Pompeu, o segundo presidente desta Casa, um pensamento que podemos aplicar aos três frondosos rebentos da gloriosa árvore dos Pompeus de Souza Brasil, família tradicional cujos valores medraram sob a influência de fatôres genéticos, ecológicos e espirituais, na interação do físico e do humano:

"a sua estirpe já possui uma história, e, de tal modo fecunda, que, no chão da Província, ninguém poderá sondar a cultura, sem tocar-lhe os fragmentos de mármore e granito; nem lançar em edifícios novos vigamentos, sem que os mesmos se apoiem, ora aqui, ora ali, nas velhas fontes, colunas fundamentais dos estudos cearenses — seu conhecimento".

O primeiro dêstes varões imortais foi o Senador Tomaz Pompeu de Souza Brasil. Sacerdote, professor, advogado, jornalista e chefe do Partido Liberal em sua Província, culto parlamentar, avulta com sublime relêvo nos fastos consolidados do Segundo Império. Encimando a galeria fulgente dos varões ilustres que, como diz um seu biógrafo, "vincularam os seus nomes às instituições políticas brasileiras revela-se-nos um padrão clássico de "vida pública norteada pela abnegação, pelo desinterêsse e pelo espírito de renúncia".

Filia-se culturalmente ao velho Seminário de Olinda e Academia de Direito, onde Pernambuco formara, para o Brasil e para o Nordeste, líderes audazes, as águias do nativismo e das idéias liberais, que voavam dos campanários para formar, por tôda parte, outros ninhos da consciência nacional.

Foi talvez o maior geógrafo do seu tempo. Elevou bem alto o nome de sua província e legou-nos os primeiros lastros de geografia, memórias sôbre estatística e demografia, clima e sêcas, educação, etc.

O segundo Tomaz Pompeu de Souza Brasil formou-se na Faculdade de Direito de Recife, de onde veio trazendo o facho em chamas da revolução liberal. Apóstolo das letras e livre pensador, nutriu-se porém no exemplo do seu pai, de quem recebeu as primorosas lições de dedicação aos estudos regionais.

Diremos que o primeiro foi o precursor, o segundo foi o pensador. E o terceiro, êste Tomaz Pompeu de Souza Brasil Sobrinho, que temos a honra e alegria de sua convivência entre nós, é mais precisamente o cientista, o consolidador de nossos estudos e cultura.

Mas, é preciso, sempre que focalizarmos as suas atividades, que nos detenhamos para sentir o pulso da terra, o bater cadenciado do coração, voltado para os seus problemas, empenhado numa luta sem tréguas, cujos propósitos resumem-se em domar a natureza, submetê-la às técnicas de aproveitamento racional e espancar dos bastidores políticos, e mesmo dos campos doutrinários das letras ou da ciência, as tristes e desumanas Cassandras que pregam o nosso abandono e desolação.

* * *

Tomaz Pompeu Sobrinho formou-se engenheiro pela Escola de Minas de Ouro Prêto. Armou-se ali dos conhecimentos científicos

imprescindíveis ao domínio de uma nova tarefa, que devia descer da esfera puramente especulativa, para a ordem prática das execuções.

Cedo ingressa na administração pública, como engenheiro ajudante da Comissão do Açude de Quixadá, sendo sucessivamente promovido a Engenheiro de Primeira Classe, Engenheiro-Chefe de Primeira Secção, e finalmente Engenheiro-Chefe do Primeiro Distrito da Inspetoria de Obras Contra as Sêcas.

Inaugura então a fase pioneira dêste importante serviço, quando produz as memórias justificativas do "Açude de Quixeramobim", do "Açude Riacho do Sangue" e do "Açude Poço dos Paus".

Impelido por um ingênito sentido de observação da geo-economia nordestina, faz da Inspetoria de Obras Contra as Sêcas, na fase de seu primeiro impulso civilizador, o seu campo de investigação, o seu laboratório de pesquisas, para onde converge o seu mundo mental.

Surge na imprensa com interessantes artigos sôbre o nosso problema econômico, cultura sêca, ensino popular da agricultura. Com Alfredo Bena e outros, funda a Escola Prática de Agricultura de Quixadá, viveiro nascente dos nossos primeiros técnicos agrícolas. Mais tarde, virá ocupar a cátedra de Engenharia Rural da Escola de Agronomia do Ceará.

Estuda o problema das sêcas, o florestamento e reflorestamento. E, em março de 1917, comprovando a sua autoridade em assuntos técnicos e administrativos, que então contava já 14 anos de constante labor na terra, empenhado em estudos de interêsse pelo seu evoluir, publica o seu substancioso livro "A Indústria Pastoril no Ceará", em que desenvolve novo plano ecológico de salvação do Nordeste, demonstrando que "solucionar o problema das sêcas no Nordeste não consiste simplesmente em construir obras de irrigação; lutar contra as sêcas é assegurar às indústrias agropecuárias o seu desenvolvimento neste meio, apesar das irregularidades climatéricas".

Em uma síntese robusta e feliz, descreve o meio exterior: a terra, o clima, a flora e a fauna, as forragens; os obstáculos naturais da criação de gados, as sêcas, as zoonoses e os animais nocivos. Em uma segunda parte, estuda o gado, as raças introduzidas e a luta contra o meio externo. Finalmente, trata do meio social, examina as condições de vida na fazenda sertaneja, sua economia, e propõe normas adequadas de melhoramento.

Considerando que a alimentação é o fundamental. examinou ainda o valor nutritivo das forrageiras nativas, herbáceas e arbóreas, reunindo as mais diversas análises e indicando o seu racional proveitamento.

Quando, em 1916, passada a sêca de 1915, que destruiu metade dos rebanhos e aniquilou os algodoais cearenses, o Ceará introduzia o algodão seridoense, Pompeu Sobrinho, plantava em seu sítio Ibaque, em Quixadá, as primeiras sementes. Como agricultor particular, foi o nosso primeiro experimentador da malvácea. Mais tarde, com a sua experiência própria, preconizou a expansão e desenvolvimento do mocó, que invadiu os sertões, dominou a caatinga, formando com o gado o que podemos chamar binômio rural do Nordeste sêco.

Foi ainda um aplicador da Zootecnia, criando a raça schwyz, que introduziu e melhorou em sua fazenda. Mas, o nosso Mestre foi mais além.

A revista de Instituto do Ceará está pontilhada de vastos e profundos estudos geográficos, econômicos e de antropologia, trabalho intensivo do nosso investigador. Indianólogo de vasta erudição, enriqueceu as letras pátrias com alentadas monografias, contendo descobertas e novidades ainda intactas pelos pesquisadcres no mundo.

Enciclopédica é tôda a sua obra, em que vislumbramos, não apenas erudição, mas, capacidade criadora, esfôrço de conquista nos diferentes domínios da cultura, apresentação e interpretação científica.

A economia rural nordestina tem nêle o seu maior bandeirante, direi melhor, o seu pioneiro sertanista. Outros haverão de marchar sempre na trilha que êle abriu.

Leiam o seu "Esbôço Fisiográfico do Ceará", a "Fixação do Homem do Nordeste", "Parêntese Geográfico", "O fator moral na construção dos grandes açudes", "Sugestões para a organização de um plano sistemático de combate às sêcas", "O algodão como subsidiário das obras contra as sêcas", "O algodão na economia cearense" e muitos outros estudos.

Sociólogo também, êle produziu bela, estrutural e firme interpretação. E aí estão as suas induções científicas em "Fatôres geográficos da autonomia nacional", síntese expressiva em que, seguindo, por índole, a escola antropogeográfica da Sociologia, à moda de Ratzel, Brunhes, e com apoio em Vallaux, evidenciou o caminho da nossa independência, autonomia e sua consolidação.

Não menos profunda e brilhante é a crítica que fêz ao livro de Paulo Prado "Retrato do Brasil", a cuja margem impôs os seus "Pequenos retoques", fazendo desabar o pessimismo da fórmula com que aquêle escritor incriminava o brasileiro: "LUXÚRIA + COBIÇA = MELANCOLIA".

"A constituição da alma brasileira, conclui firmemente, se processara num campo infinitamente mais vasto e mais livre. A his-

tória do Brasil não deve, pois, ser o desenvolvimento desordenado dessas obsessões (luxúria e cobiça), subjugando o espírito e o corpo dos nossos antepassados. Elas são inteiramente incompatíveis com os grandes fatos de nossa evolução histórica".

E quando certos escritores e técnicos arremessavam contra o Nordeste os seus preconceitos maltusianos e pessimistas à moda de William Vogt, preconizando o seu despovoamento, o nosso Tomaz Pompeu Sobrinho erguia-se na imprensa para oferecer-lhes a mais cabal contradita com os sólidos argumentos da ciência, da técnica e do humanismo construtivo.

O insigne geógrafo Erich Otremba, em sua Geografia Geral Agrária e Industrial, publicada sob a direção de mestre da Universidade de Hamburgo, conclui que a forma de exploração de um espaço depende mui estreitamente de circunstâncias históricas. E, assim, é necessário ir ao conhecimento genético das formas presentes e ter em conta as circunstâncias espirituais e culturais das formas pioneiras...

Foi compreendendo êste profundo encadeamento cultural, que o Mestre Pompeu Sobrinho procurou desenvolver em monografias que aproveitassem o copioso acervo do Instituto os diferentes ramos da especializada história de nossa terra: História da Economia, da Colonização, da Agricultura, da Indústria, do Comércio, das Culturas, etc.

Êle mesmo começou a série com a Proto-História e estudos da Pré-História do Ceará, legados de exuberância erudita versando tema tão difícil e de material tão escasso, mas que sòmente pelo nosso Presidente poderia ser cuidado cientificamente e com tanto vigor.

O seu nome é uma glória nacional. Transpôs os limites da sua província para fulgir mais além, como encarnação dos valores humanos da Pátria.

Ao completar os setenta anos de existência, como única instituição dedicada por tão longo tempo à pesquisa e investigação das fontes regionais, o Instituto do Ceará defronta-se com o pórtico da nossa Universidade.

Torna-se-lhe necessário, por meio de uma ação capaz de gerar novos estímulos, como lembrou o nosso Raimundo Girão, "jogar mais longe a barra da sua atuação espiritual do cenário mental cearense..."

Logo, o preclaro Presidente compreendeu e se dispôs a estabelecer novos métodos tendentes a construir em bases e diretrizes modernas o edifício da nossa cultura. Na mensagem que dirigiu recentemente a esta Casa, assim manifestou o seu bem atualizado pensamento:

"Impõe-se-nos evidente a necessidade de empreender investigações de campo; enriquecer as nossas observações com outras mais novas e mais precisas dos fenômenos físico-sociais da terra. Temos que fazer pesquisas de caráter social no seio das nossas populações urbanas e sertanejas; importa colhêr elementos novos, arrancados diretamente do natural e não dos livros, que êstes já nos deram o melhor, que, aqui, nos poderiam dar..."

Como cientista de campo que sempre foi, tendo percorrido o território cearense passo a passo, apanhando tôdas as particularidades dos acidentes geográficos, constituição geológica, relêvo, fisiografia, flora e fauna, colhendo flagrantes antropológicos, desde as inscrições rupestres às modalidades de expressão econômica e social do povo, Tomaz Pompeu Sobrinho deu-nos um dos melhores mapas do Ceará. Retificou e ampliou, toponímia do Estado. E, colaborando tècnicamente com todos os governos, volve a insistir para que todos ouçam aquela lição que êle cita do professor W. H. Nicholls da Universidade de Vanderbilt:

"No momento presente, o funcionamento eficaz da Democracia está dependendo da constante crítica construtiva feita por técnicos de pesquisas, independentes e competentes sôbre as providências governamentais adotadas".

Neste instante solene em que o Governador Paulo Sarasate, num gesto de compreensão e cultura de sua administração, inaugura as instalações dêste templo de alto labor mental, o Instituto do Ceará, ao mesmo tempo que louva e agradece a S. Excia., deseja expressar a sua homenagem ao seu grande Presidente Ferpétuo, Professor Tomaz Pompeu Sobrinho.

Apondo o seu retrato na galeria dos presidentes dêste sodalício, não fazemos outra coisa que lembrar para a posteridade o mérito de mais um grande filho do Ceará.

Salve, senhores, o sertanista, que abriu a trilha de uma nova cultura e elevou tão alto, pelo ideal, o coração da terra querida...

"Terra do sol, do amor, Terra da Luz!
Soa o clarim que a tua gloria conta!"